

Migração para fora da força de trabalho segura taxa de desemprego no RS

Desalento atinge novo recorde no Brasil

Indicadores da economia do RS no primeiro semestre

Paralisação atingiu em cheio a arrecadação de ICMS

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Migração para fora da força de trabalho segura taxa de desemprego no RS

Na última quinta-feira (16/08), o IBGE divulgou a PNAD Contínua Trimestral, a pesquisa mais abrangente do mercado de trabalho brasileiro, inclusive com detalhamento para Unidades da Federação, Regiões Metropolitanas e Capitais.

No Rio Grande do Sul, a taxa de desemprego foi de 8,3% da força de trabalho no período de abril a junho. O resultado se mostrou estável, em termos estatísticos, tanto na comparação com o trimestre anterior (1º trimestre/18: 8,5%) quanto frente ao mesmo período do ano passado (2º trimestre/17: 8,4%). Para melhor entender a realidade vivida pelos gaúchos, é importante analisar os movimentos das populações que compõem o cálculo da taxa de desemprego.

Em primeiro lugar, a população em idade de trabalhar (14 anos ou mais: 9,5 milhões), ficou estável em relação ao 2º trimestre de 2017. No entanto, houve movimentos distintos entre seus dois componentes: a população na força de trabalho e a população fora da força de trabalho. Por um lado, a força de trabalho (5,9 milhões), composta por pessoas ocupadas ou pessoas desocupadas que procuraram emprego, foi reduzida em 146 mil pessoas frente a um ano antes. Esse resultado se deu pela combinação de redução de 18 mil no número de desocupados (494 mil) e perda de 128 mil ocupados (5,445 milhões, o menor valor desde o início da pesquisa do IBGE em 2012). Por outro lado, a população fora da força de trabalho (3,5 milhões), foi aumentada em 189 mil pessoas, atingindo seu maior

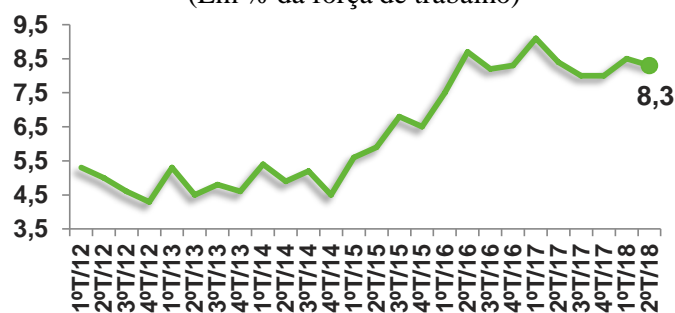
valor desde o início da pesquisa. Ou seja, essas pessoas deixaram de procurar emprego.

A desagregação dos dados por faixa etária nos ajuda a entender a situação. O aumento observado na população fora da força de trabalho teve como contribuição a entrada de 194 mil pessoas com 60 anos ou mais nesse grupo. Um movimento semelhante ocorreu no primeiro trimestre (+180 mil) e foi relatado no Informe Econômico N° 20 (21/05/2018). Cabe destacar que entre 2013 e 2017, em média, 40 mil pessoas ao ano realizaram esse deslocamento.

Portanto, os dados indicam que está havendo uma migração das pessoas ocupadas que perdem ou deixam seus empregos diretamente para fora da força de trabalho (não procuram emprego), e esse movimento tem deixado a taxa de desemprego praticamente estável, mesmo com a perda de ocupados.

Taxa de desemprego – RS

(Em % da força de trabalho)



Fonte: PNAD Contínua/IBGE.

Desalento atinge novo recorde no Brasil

Na semana passada, o IBGE divulgou a PNAD Contínua Trimestral referente ao período de abril a junho/18. O destaque ficou por conta da manutenção em patamares elevados das medidas de subutilização da força de trabalho: os dados recentes apontaram que falta trabalho para 27,6 milhões de brasileiros.

Essas estatísticas foram incorporadas à gama de indicadores calculados pelo IBGE no final de 2016, e têm o objetivo de retratar de forma mais abrangente a situação do mercado de trabalho. Além da medida de desocupação “tradicional” (pessoas desocupadas e à procura de emprego: 13,0 milhões), são contabilizados os subocupados por insuficiência de horas (pessoas ocupadas que gostariam de ter uma carga horária maior que a atual: 6,5 milhões) e a força de trabalho potencial (pessoas que buscaram emprego, mas não estavam disponíveis para trabalhar por algum motivo; ou não procuraram emprego, mas gostariam de ter um trabalho e estavam disponíveis para trabalhar: 8,1 milhões).

Dentro da força de trabalho potencial, há um subgrupo que cresce de forma quase ininterrupta desde 3º trimestre de 2014 e chegou a 4,8 milhões na pesquisa atual: os desalentados. Na comparação com o mesmo período do ano passado, o aumento foi de 838 mil pessoas nessa condição. Na definição técnica, são

pessoas que não realizaram busca efetiva por trabalho, mas gostariam de ter um emprego e estavam disponíveis para trabalhar, sendo que a busca não foi realizada por: 1) por não ter conseguido trabalho adequado; 2) não ter experiência profissional ou qualificação; 3) não haver trabalho na localidade em que residia; ou 4) não conseguir trabalho por ser considerado muito jovem ou muito idoso.

Em termos mais simples e diretos, são pessoas que perderam a esperança de encontrar um emprego. A dificuldade de colocação no mercado é evidenciada pelos dados de desocupação por tempo de procura: o número de pessoas que busca trabalho há dois anos ou mais chegou a 3,2 milhões no 2º trimestre de 2018, um contingente 2,6 vezes maior que o observado no respectivo período de 2014.

Portanto, a trajetória recente de queda observada na taxa de desemprego “tradicional” – a taxa encontra-se em 12,4% após o pico de 13,7% no 1º trimestre de 2017 – esconde uma realidade ainda muito dura no mercado de trabalho. Por um lado, as ocupações que estão sendo criadas se devem quase que exclusivamente à informalidade. Por outro lado, a desistência das pessoas na busca por empregos tem pressionado a taxa para baixo.

Indicadores da economia do RS no primeiro semestre

Passada a primeira metade do ano, é importante analisar como têm evoluído os principais indicadores da economia do RS, principalmente depois da paralisação dos caminhoneiros.

De acordo com o LSPA do IBGE, o setor primário do Estado deverá apresentar queda na produção de grãos em 2018. A estimativa de redução de 8,5% na safra, em relação à de 2017 – ano de produção recorde (35,4 milhões de toneladas) –, é explicada, principalmente, pela base de comparação elevada, pelo atraso no plantio das lavouras de arroz e pela estiagem que atingiu o estado no início desse ano

Por sua vez, o avanço de 17,0% na produção industrial em junho compensou a queda de 14,4% em maio, que reverberou os efeitos da paralisação sobre os indicadores de curto prazo. No ano, o crescimento da indústria foi tímido, com variação acumulada de 0,3% na primeira metade de 2018. Destaca-se positivamente a produção de Veículos (+9,9%) e negativamente a de Alimentos (-2,0%) e de Químicos (-5,6%), que foram os segmentos mais afetados pelo choque de maio.

A greve também impactou o desempenho de curto prazo do comércio, com variação nula (0,0%) na comparação entre junho e abril (mês imediatamente anterior a crise dos caminhoneiros), na série com ajuste sazonal. Apesar da desaceleração na margem, houve variação de 7,0% no primeiro semestre na comparação com o mesmo período de 2017, mostrando que o

consumo tem sido uma peça importante na recuperação da economia gaúcha. No conceito ampliado, que inclui também veículos e materiais de construção, a variação foi de 7,7%, com destaque para o setor de Veículos (+11,6%) e de Móveis e eletrodomésticos (+8,1%). O setor de serviços, por outro lado, ainda não mostra reação, com variação negativa de 1,8% no volume de serviços no primeiro semestre.

Em função da melhora gradual da economia, o mercado de trabalho formal registrou criação de 26,4 mil postos no primeiro semestre (862 vagas em igual período de 2017), de acordo com dados do Caged/MTb. O resultado destacou o aumento na geração de empregos na indústria de transformação, de +12,7 mil em 2017 para +21,9 mil em 2018, e no setor de serviços (incluindo comércio), de -7,4 mil no ano passado para +3,7 mil no primeiro semestre deste ano.

Por fim, o IBCR-RS, indicador de atividade econômica regional do Banco Central, apresentou variação acumulada de -1,4% de janeiro a junho na comparação com o mesmo período do ano passado.

Em conjunto, os indicadores aqui apresentados mostram que a greve dos caminhoneiros atrasou a recuperação da economia gaúcha, de modo que o crescimento de 2018 deverá ficar abaixo do 'nosso cenário base.

Paralisação atingiu em cheio a arrecadação de ICMS

A greve dos caminhoneiros não trouxe prejuízos somente aos empresários e consumidores. As receitas do setor público também foram bastante afetadas pela menor atividade. Segundo dados da Receita Estadual, o ICMS do Rio Grande do Sul, principal rubrica da arrecadação estadual, caiu 11,0% em junho na comparação com o mesmo mês do ano passado. Conforme o esperado, o segmento com maior contribuição negativa para a variação foi a Transformação, com 15,1% a menos de arrecadação, refletindo a menor produção industrial de maio. Alimentos (-27,0%) e Químicos (-22,9%) tiveram impacto decisivo sobre a variação. Também teve influência a queda de 13,0% no Comércio atacadista.

Com um mês tão negativo, a arrecadação acumulada no ano, que já vinha patinando, caiu 2,0% no primeiro semestre na comparação com o mesmo período de 2017. Os Serviços exerceram a principal influência negativa, com -5,1% de variação, reverberando a dificuldade de retomada econômica do setor. Destaca-se a queda de 16,9% no segmento de Informação e Comunicação. A Indústria, responsável por quase 60% da arrecadação total de ICMS no estado apresentou queda de 0,1% no primeiro semestre.

A crise dos caminhoneiros atingiu em cheio um

estado que já convive com uma situação fiscal extremamente precária. A queda na arrecadação certamente irá afetar o déficit orçamentário no fim do ano, inicialmente projetado por nós em R\$ 5,5 bilhões.

Arrecadação de ICMS no 1º semestre (em R\$ milhões constantes- IPCA)

	2017	2018	Varição (%)
AGROPECUÁRIA	100	83	-16,7
INDÚSTRIA	9.590	9.576	-0,1
EXTRATIVA	34	33	-3,9
TRANSFORMAÇÃO	7.561	7.858	3,9
ALIMENTOS	912	856	-6,2
BEBIDAS	993	1.030	3,7
COURO E CALÇADOS	196	206	5,0
PETRÓLEO E BIOCOMBUSTÍVEIS	2.595	2.626	1,2
QUÍMICOS	654	817	24,8
BORRACHA E PLÁSTICO	325	297	-8,7
MINERAIS NÃO METÁLICOS	200	197	-1,8
PRODUTOS DE METAL (EX. MÁQ. E EQUIP.)	253	262	3,4
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS	215	233	8,0
VEÍCULOS	285	337	18,3
OUTROS SETORES DA TRANSFORMAÇÃO	932	999	7,2
SIUP	1.988	1.679	-15,5
CONSTRUÇÃO CIVIL	6	6	-10,2
SERVIÇOS	6.361	6.037	-5,1
COMÉRCIO	4.757	4.662	-2,0
COMÉRCIO E REPARAÇÃO DE VEÍCULOS	279	305	9,5
ATACADO (EX. VEÍCULOS)	2.938	2.774	-5,6
VAREJO	1.540	1.583	2,8
TRANSPORTE, ARMAZENAGEM E CORREIO	173	158	-9,0
ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO	73	84	16,1
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO	1.337	1.111	-16,9
OUTROS SERVIÇOS	21	22	2,0
SEM CNAE E NÃO INSCRITOS POR SIG.	613	628	2,5
TOTAL	16.664	16.325	-2,0

Fonte: Receita Dados